NOTA DA EDIÇÃO

É cedo ainda para se fazer uma estimativa precisa das perdas decorrentes da estiagem que atingiu o Sul do país. As informações, como sempre acontece nesses casos, são inicialmente contraditórias e refletem não só o reconhecimento daquilo que é irremediável mas, também, muitas vezes, as apreensões do informante com relação ao desenrolar dos acontecimentos.

Neste particular, o mês de fevereiro será importante para muitas colheitas. As variedades tardias de soja, por exemplo, ainda poderiam ser beneficiadas pela chegada das chuvas; assim como algumas áreas de algodão plantadas com atraso no Paraná. O mesmo aconteceria com o arroz, cujos produtores, atualmente, se acham na contingência de abandonar parte das quadras para garantir a irrigação das restantes.

Por enquanto, contudo, os efeitos da estiagem parecem menos severos que os verificados em 1978. Desta vez, a quebra prevista para a safra de milho monta a 1.300 mil t, o que representa um decréscimo de 7% com relação à estimativa inicial de produção, bem inferior aos 28% de perda registrados em 1978. Tudo indica que não haverá necessidade de importar, pois a produção será suficiente pelo menos para atender ao mercado interno. Com relação ao arroz, embora a frustração de safra no Paraná tenha atingido um índice bastante alto (37%), a situação é também menos preocupante que no ano passado, quando a quebra, naquele estado, alcançou 76%.

O suprimento de algodão, por outro lado, pode revelar-se problemático em 1979. Mas isso, menos em função de uma redução de 14% na safra paranaense, devido à estiagem, do que em razão do crescimento do consumo por parte das indústrias e do abandono paulatino da cultura em São Paulo. A indústria têxtil aumentou em 21% o seu consumo no ano de 1978. Em 1979, ainda que as manufaturas apenas mantenham o volume de compras do ano passado, o mercado funcionará com pequena folga. Nesse contexto, torna-se particularmente inquietante o que vem ocor-

rendo em São Paulo, onde a cultura do algodão está sendo substituída gradativamente pela da soja. A área colhida com algodão, naquele estado, caiu de 665 mil ha, em 1966, para 300 mil ha, em 1977. No mesmo período, a área de soja pulou de 12 mil ha para 449 mil ha. Não é de admirar, portanto, que a necessidade de atender à indústria nacional tenha resultado em exportações decrescentes, como mostra o quadro abaixo:

EXPORTAÇÕES DE ALGODÃO
(em mil t)

1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
263	283	83	107	5,6	35	40

A produção de soja, finalmente, mesmo com as quebras previstas, de 37% no Rio Grande do Sul e de 11% no Paraná, deverá alcançar volume ponderável. Apenas as exportações de grãos poderiam ficar prejudicadas. Em 1978, a frustração da safra custou caro ao país: cerca de 1 bilhão de dólares a menos nas exportações.

Felizmente, algumas lições podem ser tiradas da ocorrência repetida de estiagens no sul do país. Fica claro, mais uma vez, a conveniência de se proceder a uma melhor distribuição da produção agrícola no território nacional, como forma de reduzir os riscos que pesam sobre a lavoura e de promover o desenvolvimento de regiões relativamente atrasadas. Sobressai, igualmente, a necessidade de instituir um seguro agrícola mais abrangente que o atual sistema, não só em termos de cobertura dos riscos mas, também, quanto ao número de beneficiários. Finalmente, com relação ao abastecimento interno, é oportuno lembrar que as importações, caso se revelem

necessárias, devem ser programadas de maneira a conciliar o atendimento do mercado doméstico com a preocupação de não desestimular o produtor nacional.